

MUROS DE BASALTO NEGRO: UM REPOSITÓRIO DA GEODIVERSIDADE, DA BIODIVERSIDADE E DA HISTÓRIA DA ILHA DO PICO

MANUEL PAULINO SOARES RIBEIRO DA COSTA*

Resumo: Toda a Paisagem da Cultura da Vinha é marcada por reticulados de muros negros, construídos a partir de pedra seca solta, com o objetivo de proteger a vinha dos fortes ventos e do rossio do mar.

As vinhas que produzem o vinho do Pico, eram e são plantadas nas fendas das escoadas lávicas de basalto, o que confere à paisagem daí resultante um carácter único. Os muros de pedra negra, formam uma estrutura planeada para tirar o máximo proveito do terreno e para facilitar o transporte e armazenamento das colheitas, bem como o escoamento do produto final.

A grande propriedade está dividida em *jeirões*, separados pelos muros das veredas transversais, as *servidões*, onde desembocam as *canadas*. As *canadas* são o elemento estrutural da vinha, sendo interceptadas perpendicularmente por muros mais pequenos, os *traveses*, os quais formam uma sequência de retângulos, os característicos *currais*.

Nesta paisagem não houve uma alteração da morfologia do terreno, mas sim um moldar dos muros construídos no relevo esculpido pelas escoadas lávicas.

Ao olharmos para as rochas que formam estes muros de pedra negra, estamos também a fazer uma viagem pela história geológica do local, pois cada rocha é

* Parque Natural do Pico — Direção Regional do Ambiente dos Açores, Lajido de Santa Luzia, 9940-108 São Roque do Pico. manuel.ps.costa@azores.gov.pt.

um fragmento das sucessivas escoadas lávicas que, uma após outra, foram construindo a ilha, erupção após erupção.

Para além da função de abrigo e de proteção das vinhas, os muros de pedra negra que muitas vezes se encontram revestidos por musgos e líquenes raros, servem ainda de proteção ao morcego endémico dos Açores, o *Nyctalus azoreum* e a aves marinhas como os cagarros (*Calonectris diomedea borealis*), que nidificam junto a eles ou em pequenas cavidades vulcânicas.

Palavras-chave: *Currais* do Pico; paisagem da cultura da vinha do Pico; biodiversidade da ilha do Pico; geodiversidade da ilha do Pico.

Abstract: The whole Landscape of the Vineyard Culture is marked by reticulated black walls, built from loose dry stone, with the purpose of protecting the vineyard from the strong winds and the sea rossio.

The vines that produce the Pico wine were planted in the crevices of the basaltic lava flows, which gives the landscape a unique character. The black stone walls form a structure designed to take full advantage of the terrain and to facilitate transport and storage of the crops as well as the flow of the final product.

The large property is divided into hamlets, separated by the walls of the transverse paths, the easements, where the canadas end. The canadas are the structural element of the vineyard, being intercepted perpendicularly by smaller walls, the crossings, which form a sequence of rectangles, the typical corrals.

In this landscape there was not a change in the morphology of the terrain, but rather a shaping of the walls built in the relief carved by the lava flows.

As we look at the rocks that form these black stone walls, we are also making a trip through the geological history of the place, as each rock is a fragment of the successive lava flows that, one after another, were building the island, eruption after eruption.

In addition to the shelter and protection function of the vineyards, black stone walls often covered with mosses and rare lichens also serve as protection for the bat endemic to the Azores, *Nyctalus azoreum* and seabirds, (*Calonectris diomedea borealis*), which nest near them or in small volcanic cavities.

Keywords: *Currais* do Pico; landscape of Pico vineyard culture; biodiversity of Pico island; geodiversity of Pico island.

A paisagem da ilha do Pico expressa a natureza vulcânica da ilha e a evolução histórico-cultural de cinco séculos de ocupação humana de um território isolado e repleto de constrangimentos físicos e naturais.

As populações desenvolveram processos de adaptação ao meio que se traduzem num zonamento dos usos do solo de acordo com as aptidões do território.



Fig. 1. Zonamento da paisagem
Foto: Parque Natural do Pico

O padrão típico de ocupação da ilha do Pico consiste na existência, nas zonas mais próximas da costa, de culturas mediterrânicas, como a vinha e a figueira, associadas a adegas, isoladas ou em pequenos núcleos. À medida que se avança em altitude, surgem os povoados de maior dimensão, paralelos à linha de costa e dispersos por toda a ilha. Em redor destes povoados principais desenvolve-se um mosaico de agricultura, com milho, batata e hortícolas, bem como pomares. A montante dos povoados surgem pastagens permanentes e matas de produção e nas zonas mais altas e interiores da ilha ocorrem os matos e florestas naturais, alguns dos quais integrados em áreas protegidas.

A ocupação de extensas áreas para produções agrícolas e pecuárias traduziu-se numa sábia conciliação entre a rentabilização dos meios disponíveis e a melhoria das condições para a atividade preconizada — por exemplo, a construção de muros e currais não implicou um esforço acrescido de mobilização da pedra para longas distâncias, já que esta foi usada para proteger simultaneamente as culturas dos ventos e da água salgada.



Fig. 2. «Currais» de vinha
Foto: Paulo Pereira/Parque Natural do Pico

Este processo tem a expressão máxima nas zonas de vinha por toda a costa do Pico, integradas na Paisagem Protegida da Cultura da Vinha da Ilha do Pico.

A salvaguarda dos valores naturais, paisagísticos e culturais nas áreas da cultura da vinha da ilha do Pico, bem como a promoção do desenvolvimento sustentado e da qualidade de vida das populações, motivou a adoção de políticas públicas e a implementação de diversas medidas nesta área, sobretudo ao longo das últimas duas décadas.

A Paisagem Protegida de Interesse Regional da Cultura da Vinha da Ilha do Pico foi criada pelo Decreto Legislativo Regional n.º 12/96/A, de 27 de junho.

Os limites da área protegida foram ampliados em 2004 (Decreto Legislativo Regional n.º 1/2004/A, de 21 de janeiro), com base nas recomendações do Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS) e no contexto da candidatura apresentada ao Comité do Património Mundial da UNESCO.

Em 2008, a Paisagem Protegida da Cultura da Vinha da Ilha do Pico foi reclassificada, abrangendo 5 áreas distintas na zona costeira da ilha, e integrada no Parque Natural da Ilha do Pico, criado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 20/2008/A, de 9 de julho, ocupando, atualmente, uma área total de 3.291,7 hectares.

O processo que conduziu à designação pela UNESCO da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico como Património Mundial foi desencadeado pelo Governo dos Açores nos últimos anos do século XX, sendo que no dia 2 de julho de 2004, a UNESCO aprovou a inscrição da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico na

estrita lista do Património Mundial, na categoria de paisagem cultural, com uma área núcleo de 987 hectares e a respetiva zona tampão com 1.924 hectares.

OS MUROS NEGROS DE BASALTO

Toda a paisagem da vinha é marcada por reticulados de muros negros, construídos a partir de pedra solta.



Fig. 3. Muro de pedra negra
Foto: Ivan Verdoodt/Parque Natural do Pico

Na impossibilidade de aproveitar o território para o cultivo de cereais, o homem do Pico dedicou-se à arrumação da pedra, construindo os currais, que têm a função de proteger as videiras dos ventos e do rossio do mar.

A retícula dos muros de pedra segue uma organização própria. As propriedades são delimitadas por paredes altas e dobradas e a vinha no interior está dividida em «jeirões», separados pelos muros dobrados das veredas, onde desembocam as «canadas». As «canadas» são os elementos estruturais da vinha, formadas por muros singelos e intercetadas perpendicularmente pelos «traveses», que podem ser muros singelos ou dobrados, dependendo da quantidade de pedra existente no terreno, e que formam os característicos «currais». A passagem de um curral para outro é feita através das «bocainas», que são passagens estreitas e, em regra, desencontradas, com o objetivo de evitar o encanamento do vento.



Fig. 4. Lajido da Criação Velha – Reticulado de «currais»
Foto: Parque Natural do Pico

A GEODIVERSIDADE

As ilhas dos Açores emergiram do oceano em resultado da atividade vulcânica iniciada há 36 milhões de anos e gerada pela complexidade geotectónica da Plataforma dos Açores. Santa Maria foi a primeira ilha a emergir, há cerca de 8 milhões de anos, e a última erupção subaérea que acrescentou território emerso aos Açores foi o Vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial, entre setembro de 1957 e outubro de 1958.

Neste contexto vulcânico-geológico, as ilhas apresentam um grande desenvolvimento vertical, com um interior montanhoso e um relevo acentuado e desigual, com poucas áreas planas, ao longo das encostas que se desenvolvem até ao nível do mar.

A ilha do Pico, a mais jovem do arquipélago com aproximadamente 300 000 anos, foi alvo de inúmeras erupções vulcânicas ao longo da sua formação, estendendo-se estas até à atualidade, tendo deixado marcas bem visíveis na cultura dos Picoenses.

Geologicamente a ilha do Pico pode ser dividida em 3 complexos vulcânicos, o complexo vulcânico Topo-Lajes, o mais antigo, dominado pelo vulcão em escudo do Topo, localizado no sul da ilha, que terá iniciado a sua atividade à cerca de 300 000 anos, com a emissão de várias centenas de metros de escoadas do tipo *pahoehoe*, tendo terminado a sua atividade à cerca de 5 000 anos; o complexo vulcânico S.Roque-Piedade, localizado na parte oriental da ilha, caracterizado por um vulcanismo do tipo fissural, formado por alinhamentos vulcânicos de orientação predominante WNW-ESSE, que terá tido o seu início à cerca de 230 000 anos, tendo terminado a sua atividade, com a erupção histórica do «Mistério da Prainha» entre 1562 e 1564; e o complexo vulcânico da Montanha, o mais recente, dominado por um magnífico

estratovulcão, o vulcão do Pico, com 2351m de altitude a partir do nível médio das águas do mar, mas que se ergue a cerca de 3500m a partir dos fundos oceânicos, o que o torna um dos maiores vulcões do Oceano Atlântico Norte. Estima-se que este vulcão terá levado cerca de 240 000 anos a se edificar.



Fig. 5. Campos de lava com micro relevos – lava encordoada
Foto: SIARAM

Associados ao complexo vulcânico da Montanha do Pico, subsistem diversos campos de lava bem preservados, resultantes de erupções de natureza basáltica pouco explosiva que originaram, para além de diversos tipos de materiais piroclásticos, escoadas lávicas do tipo *a-a*, localmente designadas por «biscoitos» caracterizadas pela sua superfície áspera e cortante, bem como escoadas lávicas do tipo *pahoehoe*, vulgarmente designadas por «lajidos», caracterizadas pela sua superfície lisa e por possuírem um vasto conjunto de micro-relevos e estruturas de uma beleza extraordinária, tais como lavas encordoadas, *pahoehoe toes*, *tumuli*, cristas de pressão, tubos lávicos, entre outros.

Nos lajidos, as escoadas lávicas correspondem a extensos mantos de pequena espessura, cortados por inúmeras fraturas, através das quais as raízes da vinha penetram no solo à procura de nutrientes.

Ainda associado ao complexo vulcânico da Montanha estão incluídas as erupções históricas que originaram os «mistérios» de Sta. Luzia e de S. João em 1718 e o da Silveira em 1720.

Como nessa época os habitantes do Pico não sabiam explicar a origem das escoadas lávicas provenientes de diversas erupções, designaram-nas de «mistérios».

Devido à natureza vulcânica da ilha e à presença de escoadas lávicas do tipo basáltico, a sua paisagem apresenta um diversificado património espeleológico, através da presença de cavidades vulcânicas (grutas e algares vulcânicos).

A BIODIVERSIDADE

As características geofísicas e climáticas da paisagem da vinha propiciam a existência de um elevado número de habitats que albergam uma grande diversidade de espécies, na sua maioria endémicas e com elevado valor natural.

Nas formações fissurais dos campos de lavas do litoral encontram-se diversas espécies de flora vascular endémica, como a *Spergularia azorica*, o brasel (*Festuca petraea*), a erva-leiteira (*Euphorbia azorica*) e o único género endémico — a vidália (*Azorina vidalii*). Nas formações florestais destacam-se os matos costeiros de urze (*Erica azorica*), de cedro (*Juniperus brevifolia*) e de pau-branco (*Picconia azorica*).



Fig. 6. Cagarro adulto com cria (*Calonectris diomedea borealis*)
Foto: SIARAM

A diversidade de comunidades vegetais, favorece a ocorrência de avifauna terrestre, como o pombo-torcaz (*Columba palumbus azoricus*), o melro preto (*Turdus merula azorensis*), o tentilhão (*Fringila coelebs moreletti*) e o milhafre (*Buteo buteo rothschildi*). Quanto às aves marinhas, regista-se a presença do frulho (*Puffinus assimilis baroli*) e trata-se de uma zona privilegiada para a nidificação do cagarro (*Calonectris diomedea borealis*).

Ao nível dos mamíferos, regista-se a presença, em muros e fendas das rochas, de colónias de morcego-dos-Açores (*Nyctalus azoreum*), o único mamífero endémico dos Açores e do único morcego endémico português.

No interior das cavidades vulcânicas pode encontrar-se diversa fauna cavernícola, salientando-se as espécies *Rugathodes pico*, *Trechus picoensis*, *Trechus montanheirorum* e *Cixius azopicavus*, endémicas do Pico.

A HISTÓRIA

Numa ilha com o solo petrificado por sucessivas erupções vulcânicas, os lajidos do Pico não permitiram aos primeiros povoadores o desenvolvimento das produções cerealíferas e tintureiras, dominantes da economia da época e principais culturas introduzidas nas ilhas que iam sendo colonizadas.

Por outro lado, os solos basálticos e as condições climáticas (clima mais quente e menos húmido do que nas outras ilhas) evidenciaram a vocação vitivinícola da ilha do Pico, desde os primórdios do seu povoamento. É atribuído ao primeiro vigário da ilha — Frei Pedro Álvares Gigante — o cultivo dos primeiros bacelos de verdelho.

Já no século XVI, Gaspar Frutuoso se referiu à quantidade e qualidade do vinho do Pico, ao escrever, em Saudades da Terra, que «em toda a terra há muitas vinhas, que dão bom vinho e melhor que em todas as ilhas», apesar da população do Pico, no final desse século, ser apenas de 3 432 habitantes.

Com a produção de vinho do Pico (cerca de 8.000 pipas no ano de 1649) a superar largamente as necessidades internas, houve necessidade, por volta de meados do século XVII, de levar este produto para mercados externos. A integração do porto da Horta, no Faial, nas escalas das novas rotas comerciais originadas pela colonização britânica da América do Norte e o progresso das rotas com o Brasil foram a oportunidade perfeita para a internacionalização do vinho do Pico. Os principais mercados externos foram as Índias Ocidentais, Inglaterra, América, Brasil e Rússia.

Estava aberto um novo ciclo económico que, durante duas centenas de anos, foi o sustentáculo da população da ilha do Pico e o luzimento dos morgados e da alta burguesia faialense, proprietários das vinhas.

Na primeira metade do século XIX, a produção média anual de vinho do Pico terá oscilado entre as 12.000 e 15.000 pipas, maioritariamente destinada à exportação. O vinho do Pico chegava ao Mundo, passando a integrar as escolhas mais seletivas, como os banquetes do Grão-Mestre da Ordem de Malta e as mesas dos Czars da Rússia.

Na segunda metade do século XIX, as pragas do oídio e da filoxera que atacaram as vinhas trouxeram o declínio da atividade vitivinícola na ilha do Pico.

Primeiro foi o oídio que, a partir de 1852, fez baixar drasticamente a produção, que passou dos milhares de pipas para parcas centenas. Em 1866 foram produzidas apenas cerca de 100 pipas de vinho do Pico.

Com a crise veio o abandono das vinhas e uma debandada da população, traduzida na primeira grande leva de emigração.

A crise trouxe, também, alterações nas castas de vinhedos utilizadas, tendo-se difundido, por volta de 1870, uma variedade americana — a «Isabela» (*Vitis labrusca*). A resistência da «Isabela» ao oídio e a sua maior capacidade de produção com menores custos fizeram com que «vinho de cheiro» fosse substituindo o verdelho.

E quando as coisas pareciam recompor-se, eis que, com as variedades americanas, chega a filoxera, em 1873.

Foi o que se pode chamar «morrer da cura». Intensificou-se o abandono das vinhas e a emigração passou a ser o destino de muitos.

Em consequência da crise económica e social vivida na época, muitos proprietários faialenses desfizeram-se das terras, dos solares e das adegas e armazéns que detinham no Pico. Os compradores foram os locais, entre feitores (caseiros) e alguns trabalhadores mais abonados, o que provocou o fracionamento da propriedade.

O verdelho praticamente deixou de existir e, no século XX, o vinho do Pico passou a ser o «vinho de cheiro».

Mesmo assim, o potencial vitícola do Pico levou a Junta Nacional do Vinho a edificar uma adega na vila da Madalena, com o objetivo de resgatar a produção do tradicional vinho licoroso branco. A adega da Cooperativa Vitivinícola da Ilha do Pico começou a funcionar em 1961, abrangendo 51 cooperantes e laborando 36 toneladas de uvas das castas tradicionais — verdelho, arinto e terrantez. Perante a inevitabilidade do insucesso, a adega cooperativa abriu as portas à receção e vinificação de uvas americanas, passando a produzir, também, o «vinho de cheiro». Não obstante, a Cooperativa Vitivinícola teve um papel crucial na manutenção da produção das castas tradicionais na ilha do Pico.

Em 1994, foi criada a Região Demarcada do Pico, mas os sistemas tradicionais de uso do solo continuavam a desaparecer, constituindo uma ameaça à identidade de uma paisagem única, mas cada vez mais degradada.

A classificação da Paisagem Protegida da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, em 1996, veio evidenciar a preocupação dos órgãos de governo próprio dos Açores para com a salvaguarda dos valores naturais, paisagísticos e culturais em presença e constituiu o ponto de partida de um processo que — sobretudo, desde 2004, com a criação dos sistemas de incentivo e a designação como Património Mundial da UNESCO — reverteu o abandono das vinhas e a degradação da paisagem e promoveu uma recuperação assinalável, ao ponto de hoje estar consolidada uma paisagem vitícola viva, com características únicas e uma crescente relevância económica e social.

SERVIÇOS EDUCATIVOS

O Governo dos Açores, através do Parque Natural da Ilha do Pico, desenvolve um trabalho regular na promoção de condutas ambientalmente sustentáveis na Paisagem Protegida da Cultura da Vinha da Ilha do Pico.

O programa Parque Escola, direcionado para o público escolar, contempla uma vasta oferta de atividades para as escolas, organizada em dois projetos: *O Parque vai à Escola* (ações desenvolvidas nas escolas) e *A Escola vai ao Parque* (ações que decorrem nas áreas protegidas e nos centros ambientais).



Fig. 7. Atividade do Programa Parque Escola do Parque Natural do Pico
Foto: Paulo Pereira/Parque Natural do Pico

O Parque Aberto é um programa que agrega as atividades dirigidas para a população em geral, promovidas pelo Parque Natural e respetivos parceiros, nas áreas protegidas e nos centros ambientais, com a finalidade de divulgar e promover o património natural junto da população em geral.

Em ambos os programas foi delineada uma estratégia no sentido de transmitir aos visitantes e à população local, os valores culturais e naturais presentes na Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, utilizando os muros de basalto negro, como elemento estruturante e integrador de toda a Paisagem. Ao visitarmos esses muros, podemos contar três histórias em simultâneo, a geodiversidade, a partir de cada uma das rochas que formam os muros, podemos descobrir os seus minerais e explorar os diferentes episódios geológicos da formação da ilha; a biodiversidade, através dos líquenes e musgos que colonizaram as rochas, ou através dos cagarros ou dos morcegos que habitam os seus espaços vazios; e a História do povoamento da ilha, bem como do aparecimento da cultura da vinha e da estrutura que foi criada para proteger e suportar toda esta atividade.



Fig. 8. Geodiversidade, Biodiversidade e História do Pico representados num muro de pedra negra
Foto: SIARAM

BIBLIOGRAFIA

- BORGES, Paulo (1999) — *Artrópodes Endémicos dos Açores Presentes nas Cavidades Vulcânicas*. [S.l.]: Universidade dos Açores.
- COSTA, Susana Goulart (1997) — *Pico. Século XV-XVIII*. Ilha do Pico: Associação de Municípios da Ilha do Pico.
- DIAS, Eduardo (1996) — *Vegetação Natural dos Açores: Ecologia e Sintaxonomia das Florestas Naturais*. [S.l.]: Universidade dos Açores. Tese de Doutoramento.
- DIREÇÃO REGIONAL DO AMBIENTE (2014) — *Alteração do Plano de Ordenamento da Paisagem Protegida da Cultura da Vinha da Ilha do Pico*. [S.l.]: Direção Regional do Ambiente. Relatório de Ponderação da Discussão Pública.
- DUARTE JR., Tomaz (2001) — *O Vinho do Pico*. Ribeira Grande: Coingra, Lda.
- FRANÇA, Zilda (2002) — *Origem e Evolução Petrológica e Geoquímica do Vulcanismo da Ilha do Pico, Açores*. São Roque do Pico: Câmara Municipal.
- FRUTUOSO, Gaspar (1981a) — *Saudades da Terra, Livro IV*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- (1981b) — *Saudades da Terra, Livro VI*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- LARANJO, João Augusto (1927) — *O Pico*. «Brotéria», p. 33-53.
- MEDEIROS, Carlos Alberto (1994) — *Contribuição para o estudo da vinha e do vinho nos Açores*. «Finisterra», vol. 29, n.º 58, p. 199-229.
- MENESES, Avelino de Freitas (2010) — *O Vinho na História dos Açores: a introdução, a cultura e a exportação*. «Revista da Universidade dos Açores — Arquipélago», História, 2.ª série, vol. 14-15, p. 177-186.

- MONTEIRO, Luís da Rocha, *et al.* (2000) — *Status and distribution of Fea's petrel, Bulwer's petrel, Manx shearwater, Little shearwater and Bandrumped storm petrel in the Azores archipelago*. «Waterbirds», vol. 22, n.º 3, p. 358-366.
- NUNES, João Carlos (1999) — *A Actividade Vulcânica na Ilha do Pico do Plistocénico Superior ao Holocénico: Mecanismo Eruptivo e Hazard Vulcânico*. Universidade dos Açores. Tese de Doutoramento.
- SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E DO MAR (2005) — *Livro das Paisagens dos Açores: Contributos para a Identificação das Paisagens dos Açores*. [S.l.]: Secretaria Regional do Ambiente e do Mar.
- SILVA, Manuel Ribeiro da (1951) — *A Ilha do Pico sob o ponto de vista vitivinícola*. «Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores», n.º XIV, p. 45-58.
- VELOSO, Ana (1988) — *A Ilha do Pico e a Paisagem dos Muros Negros*. [S.l.]: Direção Regional do Turismo.

